

ESLAVO → ESCRAVO

ESTUDO HISTÓRICO-ETIMOLÓGICO

Antônio Geraldo da Cunha
Fundação Casa de Rui Barbosa

1. PRELIMINARES.

1.1 A fim de tornar mais evidentes as íntimas relações histórico-etimológicas entre os vocábulos *eslavo* e *escravo* e as interferências recíprocas na formação dos seus derivados, compostos e cognatos, julgou-se conveniente estudá-los aqui em conjunto.

2. ORIGEM REMOTA DO ETNÔNIMO ESLAVO.

2.1 Na *Germania*, de Tácito, escrita no primeiro século da Era Cristã, ocorre, talvez, a mais antiga referência histórica aos eslavos, os quais são aí denominados *Venethi*:

“Venethi multum ex moribus traxerunt; nam quidquid inter Peucinos Fennosque silvarum ac montium erigitur latrociniis pererrant” *Germania*, xlv.

2.1.1 Ptolomeu (séc. II d.C.) chama ao mar Báltico *Oúenedikós kólpos* “golfo eslávico” e afirma que os eslavos residiam nas suas proximidades.

2.1.2 Conquanto alguns autores façam restrições a esta identificação dos *Venethi* (*Oúenedai*) com os eslavos, alegando que nessa época remota os povos balto-eslávicos pouco se diferenciariam entre si, convém ressaltar o fato, muito característico, de que o vocábulo foi posteriormente adotado pelos finlandeses (*Venäläinen*) para designar, precisamente, os russos.

2.1.3 *Venethi* (*Oúenedai*) é de procedência germânica (cp. alemão *Wenden*, antigo nórdico *Vindland* “Pomerânia”).

2.1.3.1 São duas as hipóteses mais prováveis para justificar a razão pela qual os eslavos foram designados por uma palavra de origem estrangeira: 1ª) segundo alguns eslavistas, eles teriam transitado em um território ocupado pelos *Venethi* e, por isso, receberam esta denominação; 2ª) outros supõem, ainda, que esta denominação se relaciona com o céltico **vindos* “branco”, que ocorre em alguns topônimos. Esta segunda hipótese é bastante razoável, tendo em vista as referências constantes dos autores da antiguidade à pele clara dos eslavos.

2.2 Foi, contudo, só na primeira metade do século VI que o etnônimo *eslavo* apareceu documentado em alguns textos redigidos em grego bizantino. No Pseudo-César (c525 d.C.) e em Procópio (historiador bizantino falecido no ano 565 d.C.) documenta-se *sklabenós*; *skláboí* ocorre em Mauricius Strategus e em Teofanes; neste autor documentam-se, ainda, *sklauinoí* e *sklabinoí*; a forma tardia *sthlobenói* aparece em Klimenta.

2.2.1 No latim medieval do século VI documentam-se os plurais *sclavini* e *sclavi* em Jordanus (c552 d.C.):

“Quorum nomina licet nunc per varias familias et loca mutantur, principaliter tamen Sclavini et Antes nominantur” *De Origine actuque Getarum* (ed. Panckoucke, 1842, pág. 228). “Sed nihil valet multitudo in bello, praesertim ubi et multitudo armata advenerit; nam hi, ut initio expositionis, vel catalogo gentis, dicere coepimus, ab una stirpe exorti, tria nunc nomina reddidere, id est Veneti, Antes, Sclavi” (id. págs. 284 e 286).

2.3 O grego bizantino *sklabenós* reproduz, com certa fidelidade, o eslavo **slovenin'* (pl. **slovene*). Não é difícil explicar a transcrição do *-v-* eslávico pelo *-b-* grego, uma vez que, como é sabido, no período bizantino o *-b-* grego já se tornara fricativo. Menos evidente, embora bem provável, é a hipótese de que a passagem de *-sl-* a *-skl-* é devida ao fato de que o grupo *-sl-* é contrário às tendências fonéticas do grego.

2.3.1 O substantivo *sklábos* (plural *skláboí*) é derivado regressivo do adjetivo *sklabenós*; a terminação *-enós* teria sido associada à desinência *-inós* de adjetivos gregos da 2ª declinação.

2.4 Há ainda controvérsias sobre o étimo de **slovenin'*. Eis as hipóteses mais difundidas: 1ª) eslavo comum *slava* “glória”; admitida esta hipótese, os eslavos ter-se-iam atribuído o cognome deveras elogioso de “os gloriosos”; para Safarik, *apud* Preobrazenskii II.318, este étimo é infundado, tendo em vista que a forma primitiva é **slovenin'* e não **slavanin'*; 2ª) eslavo comum *slovo* “palavra”, admitido por Schrader, entre outros; alega-se, em defesa desta hipótese, que os eslavos se denominariam “aqueles que falam inteligivelmente”, em oposição aos povos vizinhos, os alemães, a quem eles chamavam de “mudos, que falam ininteligivelmente”; compare o antigo eslavo eclesiástico *nem'č'* “alemão”, o russo *némeč* “idem”, etc., que derivam de *nem'* “mudo”.

2.4.1 Preobrazenski, *l.c.*, cita mais três hipóteses: 1ª) segundo Dobrovski, o vocábulo proviria do topônimo *Slowy*; 2ª) outros autores associam-no à segunda parte de palavras compostas do tipo do antropônimo *Svato-slav'*; Constantino Porfirogeneto, escrevendo em meados do século X, adota o grego *Sphendosthlábos* para traduzir este termo; 3ª) na opinião de Mikkola, a palavra deve ser confrontada com o grego *lāFós* (de **slāFós* “povo”) e o irlandês *slúag* “tropa, cortejo, exército”.

2.4.2 Vasmer II. 656-657, depois de aludir às diferentes etimologias acima mencionadas, as quais ele também considera improváveis, pondera que o vocábulo talvez proceda de um potamonímico. Para comprovar esta hipótese, cita o russo *Slovutic*

(cognome do rio Dniepre) e *Sluja* (nome de um afluente do rio Vazuza), de onde procedem outros nomes de rios, como o polaco *Slawa*, o servo-croata *Slavnica*, etc. Na sua opinião, todos estes potamonímicos estão etimologicamente relacionados com as palavras gregas *klyzo* “lavar”, *klyzei* “lava”, *plémmyrei* “faz onda”, *rhéei* “correr”, *bryei* “emana”, *klydon* “embate de ondas” e com as latinas *cluo* “lavo” e *cloaca* “esgoto”. Segundo ele, são infundadas, também, as hipóteses etimológicas que ligam o vocábulo ao gótico *slawan* “ser mudo” (*gaslawan*, *anaslawan* “emudecer”) ou ao grego *aloe* “área cultivada, vinhedo”.

3. EXPANSÃO DO VOCÁBULO ESLAVO (SEUS DERIVADOS, COMPOSTOS E COGNATOS) NAS LÍNGUAS DE CULTURA DO OCIDENTE.

3.1 Em sua acepção própria, o termo *eslavo* designa o “membro de um dos mais importantes e numerosos grupos étnicos da Europa, o qual compreende os russos (russos propriamente ditos, russos brancos e ucranianos), búlgaros, iugoslavos (sérvios, croatas e eslovenos), checoslovacos (checos, eslovacos e morávios), polacos e lusácios”. Por extensão, “grupo de línguas indo-européias faladas por estes povos, o qual se subdivide em *eslavo oriental* (russo, russo branco ou bielo-russo e ucraniano), *eslavo meridional* (servo-croata, búlgaro, macedônio e esloveno) e *eslavo ocidental* (checo, eslovaco, polaco e lusácio)”.

3.1.1 O etnônimo português *eslavo* ocorre, com a grafia *esclavo* (do latim medieval *sclavus*, aparentado com o grego bizantino *sklábos*) na *Crônica da Ordem dos Frades Menores*, manuscrito do século XV (c1470), neste trecho:

“estavam hy [em Roma] gregos e latinos e françezes e theotonicos e esclavos [Nota de J.J Nunes: Por cima desta palavra lê-se, de outra mão, e de *escravonia*] e ingreses e outros de diversas linguas” (vol. I, pág.226).

3.1.1.1 Pela mesma época, o etnônimo ocorre, com a grafia *escravo*, na *Vida e feitos de Júlio César*, manuscrito também do séc. XV (a1466), nesta passagem:

“Hi veerom os Pisãaos e os Escravos e os d’Aravia” (IV.4§1.3).

3.1.1.2 É importante assinalar que, tal como na *Crônica da Ordem dos Frades Menores*, também na *Vida e Feitos de Júlio César* o topônimo *Esclavônia* ocorre com a grafia *Escravonia* (*escl-* → *escr-*):

“Vós veedes que reis e principes se juntam de todas partes por nos vingar. Vulterius he morto no mar d’Escravonia” (III.9§2.4).

3.1.2 Quanto ao significado do termo *esclavo*, que ocorre no mesmo texto da *Vida e feitos de Júlio César*, convém expender aqui algumas considerações. Eis o trecho:

“E depois desto enviaram os senadores de Roma Julio Cesar aa derradeira Espanha por fazer dereito e por endereçar os feitos daquela comarqua. E tanto andou que chegou a hua cidade d’Eslavos, e entrou em huu templo dos pagãaos, honde Hercoles, seu deus, era adorado” (I.5§3.2).

3.1.2.1 No texto francês, intitulado *Li Fet des Romains*, do qual o português constitui mera tradução, por vezes literal, lê-se:

“il [Júlio César] vint a Gades, une cité d’Esclavons”.

O texto francês, por seu turno, é tradução livre da *Vida de Júlio César*, de Suetônio (c70 - c140). Ora, como nesta obra do historiador romano não há qualquer alusão aos eslavos, pois o texto latino diz apenas “Gadesque venisset”, é muito provável que aquela referência explícita do texto francês à “cité d’Esclavons” é devida ao autor (ou a algum copista) do *Li Fet des Romains*, o qual teria confundido a cidade de *Gades* (modernamente Cádiz, na Espanha) com alguma outra cidade eslávica.

3.1.2.2 É interessante observar que o tradutor português não traduziu o francês *Esclavon* por *Esclavom*, como seria de esperar; isto, porém, é indício de que lhe teria causado estranheza a afirmação do texto francês de que *Gades* era uma cidade de *esclavões*. Tudo leva a crer, portanto, que o tradutor português preferiu traduzir o francês *Esclavon* (= *esclavão*, *eslavo*) por *esclavo* (= *escravo*), tendo em vista a impossibilidade de considerar *Gades* uma “cidade de eslavos”.

3.1.3 Do latim medieval *sclavus* (pl. *sclavi*) “eslavo” derivam, além do antigo português *esclavo*, o antigo francês *sclave*, de 1573 (cf. TLF), o antigo inglês *sclave*, de c1387 (cf. OED), etc.

3.2 No latim medieval, a par de *sclavus* (pl. *sclavi*), ocorre, também, desde o século X (c951), a variante *slavus* (pl. *slavi*).

3.2.1 Nas línguas modernas prevalecem as grafias com (*e*)*sl-* inicial, enquanto que em épocas mais remotas predominavam, quase exclusivamente, as grafias com (*e*)*scl-*.

3.2.2 Do latim medieval *slavus* procedem, além do português *eslavo*, de 1706 (cf. IELP), o francês *slave*, de 1713 (cf. TLF), o inglês *slav* (*slave* em 1788; cf. OED), etc.

3.3 Estão diretamente relacionados com o vocábulo português *eslavo* os derivados *eslávico*, *eslavismo*, *eslavista*, *eslavizar* (e *eslavizante*) e os compostos híbridos *eslavófilo* e *eslavofilismo*.

3.3.1 O adjetivo *eslávico* (< *eslav'o* + *-ico*) “relativo aos eslavos” já se documenta em 1651, na *História Universal*, de Frei Manuel dos Anjos, nesta passagem:

“Alem das particulares de cada Prouincia vsão [os polacos] de huma lingoa géral com que todas [as nações da Sarmácia européia] se communicão, chamada Slauica ou Sclauonica, que se falla em dezanoue naçoens, sem que em alguma se corrompa a formalidade della, sendo para todos como connatural, natiua, & propria” (I.xxx.l91).

3.3.2 O substantivo *eslavismo* (< *eslav'o* + *-ismo*) designa o “sistema político que preconiza o agrupamento de todos os eslavos numa só nação e o progresso desta” e foi formado pelo modelo de *germanismo*; designa, também, “palavra ou expressão de origem eslávica introduzida em outra língua” (cp. anglicismo, italianismo, etc.). O vocábulo vem registrado em 1899 na 1ª edição do *Dicionário* de Cândido de Figueiredo.

3.3.3 *Eslavista* (< *eslav'o* + *-ista*) “relativo ao eslavismo” “partidário do eslavismo e/ou versado nos assuntos eslavicos” ocorre em 1924, com a grafia *sla-vista* (cf. IELP).

3.3.4 O verbo *eslavizar* (*eslav'o* + *-izar*) “tornar(-se) eslavo ou semelhante a eslavo na nacionalidade, na língua, nos costumes, etc.” ocorre, também em 1924, na forma do particípio e com a grafia *slavizado* (cf. IELP).

3.3.4.1 *Eslavizante* (< *eslaviz'ar* + *-ante*) “que se interessa pelos assuntos eslavicos, eslavista” vem registrado, em 1958, no *Vocabulário Ortográfico* de A. S. Amora.

3.3.5 *Eslavófilo* “amigo, partidário dos eslavos”, composto de *eslavo-* + *-filo* (< latim *philus* < grego *philos* “amigo”, em compostos do tipo *theóphilos*, *paidóphilos*, etc.) já se documenta, com a grafia *slavophilo*, em 1906 (cf. IELP),

3.3.5.1 *Eslavofilismo* (< *eslavófil'o* + *-ismo*) “doutrina ou sentimento dos eslavófilos” documenta-se em 1935 (cf. IELP).

3.4 O latim medieval *Sclavonia*, documentado desde o século XIV (1346), pelo menos, designava a região ocupada pelos eslavos do sul, a qual correspondia à costa oriental do mar Adriático e a grande parte da Iugoslávia. Daqui o português *Esclavônia*, italiano *Schiavonia*, francês *Esclavonie*, etc.

3.5 Estão diretamente relacionados com o topônimo *Esclavônia* os derivados *esclavão* (feminino *esclavona*), *esclavonesco*, *esclavônico* e *esclavônio*, todos já documentados no século XVI; mais modernos e possivelmente influenciados por *eslavo* (*escl-* → *esl-*), *eslavão*, *eslavônico* e *eslavônio*.

3.5.1 O substantivo *esclavão* (feminino *esclavona*), tal como o inglês *sclavon*, documentado em 1555 (cf. OED), deve ser adaptação do francês *esclavon* (feminino *esclavon(n)e*) do século XII e, este, do latim medieval **sclavone* (cf. TLF).

3.5.1.1 Convém ressaltar que os vocábulos portugueses *esclavão/esclavona*, quer como adjetivos “pertencente ou relativo à Esclavônia”, quer como substantivos “natural da Esclavônia” “língua eslavica do grupo meridional falada pelas populações que viviam nas proximidades do Adriático”, já se documentam no século XVI. O etnônimo *esclavão* data do primeiro quartel do século XVI, numa carta de Pedro Gomes Teixeira para o rei D. Manuel, datada de Cochim, a 2 de novembro de 1520 :

“nom sei porque Vossa Alteza consente ca estes estrangeiros e por que nom manda ter sobre isso um aviso na cassa da India por que dous esclauões marinheiros fogirom em huma almadia no streito e vam em busca dos rumes” (*Carta das Novas*, pág. 136).

3.5.1.2 O vocábulo volta a ocorrer em 1566 no *Itinerário* de Mestre Afonso: *lingua esclauona*; no mesmo ano de 1566 na *Crônica de D. Manuel*, de Damião de Góis : *Sclauões*, & *Venezianos* e, noutra passagem: *liuros em latim, Italiano, Alemão, Esclauom*, & *Françes, Castelhana*, & *algus em Portugues*; e, em 1593, no *Itinerário* de Frei Pantaleão de Aveiro: *era o Governador Sclavão da mesma patria do Padre Bonifacio* (cf. IELP).

3.5.1.3 O feminino *esclavona* adquiriu uma acepção extensiva ainda no século XVI e passou a designar, também, certo tipo de espada, talvez de procedência escravônica. Com este novo significado o termo *esclavona* ocorre na *Aulegrafia* (c1555), de Jorge Ferreira de Vasconcelos (cf. IELP), e, com a grafia *escravona*, vem registrado no dicionário de Jerônimo Cardoso, de 1562.

3.5.2 O adjetivo *esclavonesco* “pertencente ou relativo à Escravônia, escravão”, de 1565 (cf. IELP), deriva do latim medieval *sclavonescus*, provavelmente através do italiano *schiaivonesco* (cf. DEI), em razão do sufixo *-esco*, característico de empréstimos italianos nas demais línguas de cultura (cp. *burlesco*, *carnavalesco*, *grotesco*, etc.).

3.5.3 Enquanto o adjetivo *esclavônio* (< *Esclavôn'ia* + *-io*) “pertencente ou relativo à Escravônia” já se documenta em 1593, o substantivo *esclavônio* “natural da Escravônia” só aparece a partir de 1627 (cf. IELP).

3.5.4 O adjetivo *esclavônico* (< *Esclavôn'ia* + *-ico*) “pertencente ou relativo à Escravônia” aparece em 1593, no *Itinerário* de Frei Pantaleão de Aveiro (cf. IELP).

3.5.5 Como se referiu anteriormente, os termos *eslavão* e *eslavônio*, ambos documentados em 1781 (cf. IELP), são bem posteriores aos sinônimos *esclavão* e *esclavônio*, respectivamente. Mais moderno ainda é *eslavônico*, que vem registrado pela primeira vez em 1899, no dicionário de Cândido de Figueiredo.

3.5.6 *Eslovaco* (*slovaque* em 1878, *slovaco* em 1911; cf. IELP) “pertencente ou relativo à Eslováquia” “natural da Eslováquia” “língua eslávica do grupo ocidental” é adaptação do francês *slovaque* (de 1841; cf. TLF) = inglês *slovak* (de 1842; cf. OED), etc. < eslovaco *slovak* (plural *slováci*) = polaco *slowak* = russo *slovak*, etc. Estes vocábulos eslávicos relacionam-se com o radical *slov-*, do eslavo *slovenin'*; quanto à terminação *-ak*, comparem-se *bosniáco*, *polaco*, etc.

3.5.7 *Esloveno* (*slovena* em 1878, *sloveno* em 1920; cf. IELP) “natural da Eslovênia” “língua eslávica do grupo meridional” é adaptação do francês *slovène* (de 1875; cf. TLF), do esloveno *slovene* e, este, do antigo eslavo **slovene*, plural de **slovenin'*.

3.5.7.1 No antigo português ocorre o termo *esclavino*, no fólio 53 do *Livro da Origem dos Turcos*, de Frei Diogo de Castilho, publicado em 1538:

“Ho mesmo fizeraom os Cristaons deuidindo sua gente de pee he de caualo hem tres partes iguais, a primeira que era dos Esclauinos, os quaes viuem entre os Rios Drauo he Sauo”.

Os rios Dravo e Savo – formas aportuguesadas dos termos eslávicos Drava e Sava –, ambos afluentes do Danúbio, são, de fato, os limites naturais do território da Eslovênia. Frei Diogo de Castilho refere-se, pois, em sua obra, aos habitantes eslavos da Eslovênia. A forma *esclavino* deriva do latim medieval *sclavini* (do século VI), anteriormente citado, o qual corresponde ao grego bizantino *sklabenós*; com efeito, o *-b-* e o *-e-* do grego bizantino correspondem ao *-v-* e ao *-i-* latinos, respectivamente.

4. ORIGEM REMOTA DO VOCÁBULO ESCRAVO E SUA DIFUSÃO NAS LÍNGUAS DE CULTURA DO OCIDENTE.

4.1 Depois de longas e cruentas guerras, Carlos Magno (c742-814) e seus sucessores e, contemporaneamente também, os gregos bizantinos, exterminaram, na região dos Bálcãs, grande número de eslavos, e aprisionaram muitos deles, tornando-os cativos. Por este motivo, o grego bizantino *sklábos*, por que já eram conhecidos os eslavos, desde o século VI, tomou a acepção pejorativa de escravo, a partir dos séculos IX-X. Por esta época, já se documenta, na Alemanha, o latim medieval *sclavus*, nesta acepção.

4.2 Do latim medieval *sclavus* (= grego bizantino *sklábos*) procedem o francês *esclave* (do século XII; cf. TLF), italiano *schiaivo* (do século XIII; cf. DEI, DELI), provençal *esclau* (do século XII; cf. TLF), catalão *esclau* (do século XIII; cf. DECLC), inglês *slave* (médio inglês *sclave* em 1290; cf. OED), alemão *Sklave* (médio alto alemão *slave* em 1275; cf. Kluge-Mitzka, Pfeifer), etc..

4.2.1 É interessante assinalar que, enquanto em francês, italiano, provençal, catalão, inglês e alemão o vocábulo já aparece documentado nos séculos XII e XIII, em português e em castelhano ele só ocorre a partir do século XV. Esta ocorrência tardia é devida, provavelmente, à concorrência de *cativo/cautivo*, os quais já se documentam nestes dois idiomas, com as mesmas acepções de *escravo*, em época muito anterior.

4.2.1.1 Para Corominas (cf. DCECH) o castelhano *esclavo* procede diretamente do catalão *esclau* (feminino *esclava*), o qual, por seu turno, teria sido influenciado pelo francês *esclave*.

4.2.2 Em português o vocábulo ocorre, já no século XV, com as grafias *scravo* (cf. *Livro de Cavalgar* – c1438 – de D. Duarte), *esclavo* (cf. *Crônica do Infante Santo* – c1450 – de Frei João Álvares) e *escravo* (cf. *Descobrimientos Portugueses* – 1457) (cf. IELP).

5. DERIVADOS, COMPOSTOS E COGNATOS DO VOCÁBULO ESCRAVO.

5.1 São derivados vernáculos de escravo: *escravagem*, *escravaria*, *escravatura*, *escravidão*, *escravismo*, *escravista*, *escravizar* (e *escravização*, *escravizadore* *escravizante*).

5.1.1 *Escravagem* (< *escrav'o* + *-agem*) “estado ou condição de escravo, escravidão” ocorre na *Suma Oriental* (a1515) de Tomé Pires, neste trecho:

“E destes pates que sam em Jaõa na beira do mar que ajmda nom tem a fidalguja tamto em peso como os de demtro por que haa tres dias que vem descrauagem” (pág. 324).

5.1.1.1 A variante *esclavagem* “espécie de colar, que as mulheres usavam como adorno”, que vem registrada, em 1713, no *Vocabulário* de Bluteau e, na sua esteira,

nos dos dicionaristas posteriores , talvez proceda do francês *esclavage*, de 1704 (cf. GLLF, DHLF).

5.1.1.2 *Escravagismo* “doutrina que justifica e apoia o regime da escravidão”, registrado em 1891, na 8ª edição do dicionário de Morais, talvez proceda, também, do francês *esclavagisme*, de 1877 (cf. TLF).

5.1.1.3 *Escravagista* “partidário do escravagismo” ocorre, em 1872, na página 4702 do número 588 da revista carioca *Semana Illustrada*, e vem registrada, em 1873, no dicionário de Domingos Vieira; a variante *esclavagista* vem registrada, em 1891, no dicionário de Francisco de Almeida. O francês *esclavagiste*, que teria influenciado a formação do vocábulo português, data de 1861 (cf. TLF)

5.1.2 *Escravaria* (< *escrav’o* + *-aria*) “multidão de escravos” “conjunto de escravos de uma propriedade” documenta-se já em 1549 numa carta de Duarte Coelho:

“Outro si pessoas nobres e poderosas que lla estão no Reino e qua povoam e outros que querem povoar por seus feitores e jemte e escravaria” (pág.69).

5.1.2.1 Com a grafia atual, volta a ocorrer em textos de 1557 (cf. MNóbrC 257), 1558 (in MMA II. 433), 1564 (cf. IELP), 1569 (in DHA III.6), etc.

5.1.3 *Escravatura* (< *escrav’o* + *-atura*) “escravaria” data de 1770 (cf. IELP).

5.1.4 *Escravidão* (< *escrav’o* + *-idão*) “estado ou condição de escravo, cativoiro” “sujeição, falta de liberdade” já se documenta em 1671 (cf. IELP)

5.1.5 *Escravismo* (< *escrav’o* + *-ismo*) “doutrina dos escravistas” “influência do sistema da escravatura” data de 1885 (cf. IELP).

5.1.6 *Escravista* (< *escrav’o* + *-ista*) “relativo a escravos” “partidário da escravidão” ocorre em 1882 (cf. IELP).

5.1.7 *Escravizar* (< *escrav’o* + *-izar*) “reduzir à condição de escravo” “submeter, tornar dependente” já vem registrado, em 1836, no dicionário de Constâncio.

5.1.7.1 *Escravização* (< *escraviz’ar* + *-ação*) “ação de escravizar” está regis-trado na 2ª edição (1913) do dicionário de Cândido de Figueiredo.

5.1.7.2 *Escravizador* (< *escraviz’ar* + *-ador*) “que escraviza, que subjuga, que sujeita” data de 1900 (cf. IELP).

5.1.7.3 *Escravizante* (< *escraviz’ar* + *-ante*) “que escraviza, escravizador” documenta-se em 1934 (cf. IELP).

5.2 O composto *escravocracia*, de *escravo*- + *-cracia* (< latim *-cratía* < grego *-kratía*, em compostos do tipo *aristocracia*, *democracia*, etc.), foi influenciado pelo inglês *slaveocracy* (de 1848; cf. OED), que teria servido de modelo para a formação do vocábulo português. No inglês dos Estados Unidos o vocábulo já ocorre em 1840 (cf. Mathews). Como pondera o OED, s.v. *slavocracy*, este termo foi indevidamente aplicado ao “governo (ou domínio) exercido sobre os escravos”, quando, etimologicamente, ele deveria significar “governo exercido pelos escravos”, como *aristocracia* é o “governo exercido pelos nobres”, *democracia* é o “governo exercido pelo povo”,

etc. A variante *esclavocracia* ocorre em 1872, na pág 4699 do número 588 da revista carioca *Semana Illustrada*.

5.2.1 *Escravocrata* “senhor de escravos” “partidário, defensor da escravatura”, de *escravo-* + *-crata* (< latim *-crates* < grego *-krates*, de *krátos* “governo, poder, autoridade”), sofreu a influência do inglês *slavocrat* (de 1842; cf. OEDS). O português *esravocrata* já se documenta em 1887, no número de 8 de novembro, na Seção “Parolando”, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

5.3 O português *eslabão*, na acepção de “gancho de prender a candeia de garavato”, vem registrado por Bento Pereira, no *Thesouro* (1647), e por Morais, Constâncio, etc. Com o significado de “tumor mole que se desenvolve na dobra do joelho do cavalo” data de 1679 (cf. IELP). Em qualquer destas duas acepções, o vocábulo deriva do castelhano *eslabón* (*esclavón* no século XIII; cf. Corominas DCECH); segundo Corominas, “se comparó el *eslabón* con un esclavo por la imposibilidad de separarse de su cadena”. É interessante observar que, na acepção de “ferro aguçado com que se feria a pederneira para produzir lume”, também, provavelmente, proveniente do castelhano, o vocábulo aparece em Gil Vicente, no *Auto dos Reis Magos* (c1503) e na *Comédia sobre a divisa da cidade de Coimbra* (c1527), mas sempre em contexto castelhano (cf. IELP).

5.4 *Esclavina* “espécie de murça que os romeiros e peregrinos usavam sobre a túnica” “opa de escravo ou de cativo resgatado” já se documenta no século XIV, na *Visão de Túndalo*, no parágrafo 24 da edição de 1985:

“E vyo muitas almas cayr no fundo. E vyo viir huu pelegrim que passava per aquella ponte muy sem medo cõ sua escryvina vestida e cõ sua palma na mão”.

5.4.1 O português, tal como o castelhano *esclavina* (século XIV; cf. DCECH), o catalão *esclavina* (século XV; cf. DECLC), o francês *esclavine* (século XII; cf. TLF) e o italiano *schivina* (século XIV; cf. DEI), procede do latim medieval *sclavina* (século XII; cf. TLF). O étimo remoto deve ser o grego bizantino *sklabenós* “eslavo”; neste caso, por alusão às vestimentas simples dos eslavos, que iam em peregrinação a Roma e à Terra Santa. Talvez se possa admitir, com maior probabilidade de acerto, que o vocábulo proceda daquela palavra grega, porém na acepção de “escravo”; nesta hipótese, o termo *esclavina* aludiria aos trajes toscos e modestos dos escravos.

5.4.2 A forma atual *esclavina*, que já ocorre em 1593, no *Itinerário* de Frei Pantaleão de Aveiro (cf. IELP), talvez tenha sido influenciada pelo italiano *schivina*, tendo em vista que no *Itinerário* são bastante numerosos os italianismos.

5.5 Terá alguma relação com os vocábulos acima estudados, o antigo português *escravoneta*? Ao que parece, o termo só se documenta uma vez no século XVI, com a grafia *scrauneta*, no capítulo 57 da 3ª parte da *Crônica de D. Manuel* (1567), de Damião de Góis:

“pedras preciosas aque nós [sc. os italianos] chamamos scrauonetas ou rubis, nam contrafeitos, nem polidos, mas rudos, & simples, assi quomo se trazem dos lugares em que se acham, com seu só resplandor natural”.

5.5.1 Neste capítulo, Damião de Góis transcreve, traduzindo do latim para o português, uma carta do italiano Alberto do Carpe ao Imperador Maximiliano, datada de 17 de março de 1514. Em certo trecho da carta, na tradução portuguesa de Góis, Alberto do Carpe alude, como se viu acima, às “pedras preciosas aque nós chamamos scrauonetas ou rubis”. Na impossibilidade de consultar o original latino, é difícil decidir se aquele *scrauoneta* constitui ou não tradução literal de uma forma italiana **schiavonetta*. Admitida a existência, aliás muito provável, do hipotético **schiavonetta* (diminutivo de *schiacona*, feminino de *schiacone*), pode formular-se a seguinte hipótese sobre o étimo remoto do antigo português *scrauoneta*.

5.5.2 O italiano **schiavonetta* teria significado, primitivamente, “*escravinha*”; daqui, por uma associação bastante expressiva, o vocábulo passaria a designar, também, os “pequenos elos de uma cadeia” (compare-se, a propósito, a evolução paralela do castelhano *esclavón*, acima estudado); como, em certas pulseiras os “elos” eram incrustados com pedras preciosas, poderá admitir-se, ainda, que, por metonímia, **schiavonetta* teria passado a designar, não apenas os “elos”, mas também “as pedras preciosas neles incrustadas”. Em resumo, a evolução semântica seria a seguinte: 1 “*escravinha*” → 2 “elos de uma cadeia” → 3 “elos de jóias (colares, pulseiras, braceletes, etc.) incrustados de pedras preciosas” → 4 “pedras preciosas, rubis”. Convém mencionar, ainda, em apoio desta hipótese, o antigo português *esclavagem* (< francês *esclavage* < *esclave*), que designava uma “espécie de colar” e que, remotamente, está também relacionado com o vocábulo *escravo*.

6. CONCLUSÃO.

6.1 Boa parte da matéria aqui tratada foi extraída de um antigo trabalho nosso, publicado, de 1953 a 1956, na Revista da Academia Fluminense de Letras, intitulado *Influências eslávicas na língua portuguesa* (IELP). No curso deste artigo citamos freqüentemente esse trabalho, pois, apesar de decorridos 39 anos, poucas alterações tivemos de introduzir na sua redação primitiva.

6.2 É claro que, com base na nova documentação hoje disponível, basicamente com relação aos grandes dicionários estrangeiros publicados nos últimos anos, pudemos atualizar, aqui e ali, algumas daquelas informações. Fizemos referência aos grandes dicionários estrangeiros, e só a eles, porque, infelizmente, no que diz respeito à lexicografia histórica de língua portuguesa, pouco ou quase nada foi feito nestas últimas quatro décadas. Voltamos a afirmar que a nossa lexicografia continua num estado de lamentável atraso.

BIBLIOGRAFIA

(Registram-se aqui tão-somente as principais obras citadas no corpo do artigo)

- Almeida, Francisco de = *Novo Diccionario Universal Portuguez*. 2 vols. Lisboa, 1891.
- Amora, Antônio Soares = *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. São Paulo, 1958.
- Anjos, Frei Manuel dos = *Historia Universal, em que se descrevem os Imperios, Monarchias, Reynos, & Provincias do mundo ...pelo padre* – Em Coimbra. Anno 1651.
- Aveiro, Frei Pantaleão de = *Itinerario da Terra Santa ...* Sétima edição conforme à primeira [de 1593]. Revista e prefaciada por António Baião . Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927.
- Bluteau, Pe. Rafael = *Vocabulario Portuguez e Latino pelo P.* – 8 vols. em fol. e 2 de Suplemento. Coimbra- Lisboa, 1712-1728.
- Cardoso, Jerônimo = *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*. Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij. M.D.LXII.
- Carta das Novas = Armando Cortesão e Henry Thomas. *Carta das Novas que vieram a elrei nosso senhor do descobrimento do Preste João* (Lisboa, 1521) Texto original e estudo crítico com vários documentos inéditos. Lisboa, 1938.
- Castilho, Frei Diogo de = *Liuro da Origem dos Turcos ...* Collegidos por ho Padre – monge do Mosteiro Dalcobaça. Impresso em Louuem... anno de 1538.
- Coelho, Duarte = *Cartas [1542-1550] de Duarte Coelho a ElRei*. Reprodução facsimilar, leitura paleográfica e versão moderna anotada por José Antônio Gonsalves de Mello e Cleonir Xavier de Albuquerque. Imprensa Universitária. Recife. Pernambuco, 1967.
- Constâncio, Francisco Solano = *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*. Paris, 1836.
- Corominas (Joan) y Pascual (José A.) = *Diccionario Critico Etimológico Castellano e Hispánico* (= DCECH). 6 vols. Madrid, 1980-1991.
- Coromines (Joan) = *Diccionari Etimològic i Complementari de la Llengua Catalana* (= DECLC). 9 vols. Barcelona, 1980.
- Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285). Manuscrito do século XV (c1470), agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico por José Joaquim Nunes. 2 vols. Coimbra, 1918.
- DCECH → Corominas.
- DECLC → Coromines.
- DEI = Battisti (Carlo) - Alessio (Giovanni). *Dizionario Etimologico Italiano*. 5 vols. Firenze, 1950-1957.

- DELI = Cortelazzo (Manlio) - Zolli (Paolo). *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*. 5 vols. Bologna, 1979-1988.
- DHA = Instituto do Açúcar e do Alcool. *Documentos para a História do Açúcar*. Vol. II. Engenho Sergipe do Conde. *Livro de Contas* (1622-1653). Rio de Janeiro, 1956. – Vol. III. Engenho Sergipe do Conde. *Espólio de Mem de Sá* (1569-1579). Rio de Janeiro, 1963.
- DHLF = *Dictionnaire Historique de la Langue Française*. Sous la direction de Alain Rey. Dictionnaires le Robert. 2 vols. Paris, 1992.
- Figueiredo, Cândido de = *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 vols. Lisboa, 1899. 2a. ed. 1913. – 3a. ed., 1922. -- 4a. ed., 1926.
- GLLF = *Grand Larousse de la Langue Française*. 7 vols. Paris, 1971-1978.
- Góis, Damião de = *Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel* composta por –. Nova edição conforme a primeira (de 1566: partes I e II; e 1567: partes III e IV). Coimbra. Por ordem da Universidade. 4 vols [reimpressão da edição revista por David Lopes, de 1926] 1949, 1953, 1954 e 1955.
- IELP = A. G. Cunha *Influências Eslávicas na Língua Portuguesa*. [Separatas dos volumes VI, VII, VIII e IX da Revista da Academia Fluminense de Letras] Niterói, 1953-1956.
- Kluge (Friedrich)- Mitzka (Walther) = *Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache*. 21 Auflage. Berlin, 1975.
- Mathews, Mitford M. = *A Dictionary of Americanisms, on Historical Principles*. Second impression. Chicago, 1956.
- Mestre Afonso = *Ytinerario de Mestre Afonso ...* [reprodução de manuscrito de 1566] in *Itinerários da Índia a Portugal por Terra*. Revistos e prefaciados por António Baião. Coimbra, 1923.
- MMA = *Monumenta Missionaria Africana*. Coligida e anotada pelo Padre António Brásio. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, vol. I-, 1952-.
- MNóbrC → Nóbrega.
- Nóbrega, Manuel da = *Cartas do Brasil [1549-1567] e mais escritos* do P- (Opera omnia). Com introdução e notas históricas de Serafim Leite S.I. Coimbra, Por ordem da Universidade, 1955.
- OED = *The Oxford English Dictionary...* edited by James A. H. Murray, Henry Bradley, W.A. Craigie, C.T. Onions. Oxford at the Clarendon Press, 1933 (12 vols. + 1 vol. de Suplemento).
- OEDS = *A Supplement to the Oxford English Dictionary*. Edited by R. W. Burchfield. 4 vols. Oxford at the Clarendon Press, 1972-1986.
- Pereira, Bento = *Thesouro da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1647.
- Pfeifer, W. = *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*. 2 vols. 2 Auflage, durchgesehen und ergänzt von Wolfgang Pfeifer. Berlin, 1993.

- Pires, Tomé = *A Suma Oriental* [c1515] de Tomé Pires e o *Livro* [c1514] de Francisco Rodrigues. Leitura e Notas de Armando Cortesão. Por ordem da Universidade. Coimbra, 1978.
- Preobrazenskii, A. = *Etymologiceskii Slovar' Russkogo Iazyka* [Fascículos 1-14: a-suleia]. Moskva, 1910-1918.
- TLF = *Trésor de la Langue Française. Dictionnaire de la Langue du XIXe et du XXe Siècle (1789-1960)*. Publié sous la direction de Paul Imbs [até o vol. VII, de 1979; do vol. VIII até o vol. XVI, sob a direção de Bernard Quemada]. 16 vols. Paris, 1971-1994.
- Vasconcelos, Jorge Ferreira de = *Comedia Aulegrafia* [c1555] feita por Iorge Ferreira de Vasconcellos..Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. Anno 1619.
- Vasmer, Max = *Russisches Etymologisches Wörterbuch*. 3vols. Heidelberg, 1950-1958.
- Vida e Feitos de Júlio César*. = Maria Helena Mira Mateus. *Vida e feitos de Júlio César*. Edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista [al466] de “Li Fet des Romains” . Fundação Calouste Gulbenkian. 2 vols. Lisboa, 1970.
- Vieira, Frei Domingos = *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*. 5 vols. Porto, 1871-1874.
- Visão de Túndalo* = *Visão de Túndalo*. [texto do século XIV conservado no códice alcobacense CCLVI (= ANTT, ms. de Livraria 2274) do século XV] ed. Patricia Villaverde Gonçalves in *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*. Edição dirigida por Ivo Castro. Separata da *Revista Lusitana* , nova Série, Lisboa, n. 4 (1982-1983) e n. 5 (1984-1985).

Nota final – Por inexistência de recursos gráficos, não se indicou a quantidade longa de vogais nem a nasalidade do *u*.